

## A História do Homem

E ASSIM chegamos ao fim.

Como se disse em algum lugar, compõe-se nosso sonho de elementos concretos, quatro elementos concretos: a terra, a água, a máquina, o homem.

A história da terra, ela é conhecida, longa e gloriosa. De como veio a água e a máquina, já se sabe. Resta a história do homem.

E a história do homem, esta foi a finalidade do nosso escrever. Não a história propriamente dita, ela é um romance ainda não escrito, mas a *sugestão* da história, sugestão ao seu poder de imaginar. De onde êle veio, de como se formou, cresceu, tornou-se senhor. De como sonha para diante, e mesmo já, às vezes, de como sonha para diante na imagem de seus filhos.

Terá você sentido a história do homem? De como desvaneceu um dia, no exílio, o jovem judeu? De como depois, uma dia, olhou do alto da torre do *kibutz* sobre suas terras? Terá você sentido a distância da viagem feita, os séculos e os desertos atravessados até o alto daquela torre, de onde se divisam as nuvens de pó que levantam os tratores a trabalhar no vale? E quando o percorreu um frêmito ao imaginar esta epopéia, não acreditou também você, no fundo de seu ser, na verdade dêste caminho?

A história do homem não termina, ela nunca termina. Mas ela começou um dia, um dia longínquo na memória, mas não no tempo. Por inacreditável que soe, da noite estrelada de Inhaíba, quando o estudante judeu cantou a primeira canção, até a tarde em que o camponês hebreu observou do alto o erguer-se da planície em frutos, pasme, apenas oito anos se passaram.

Dissemos no começo dêste livreto que sua finalidade era deixar uma pergunta: "Não será êste caminho também o seu?" Voltamos no fim à mesma pergunta.

Algumas coisas tentou-se explicar nestas páginas. Uma delas, qual nosso ideal, e principalmente, o que é ideal. Ideal (e você mesmo

o terá concluído através das folhas que passaram), é sonho mais trabalho. Sonha-se de vez em quando, e trabalha-se dia a dia, com perseverança, para colocar pedra por pedra na torre do sonho. Assim, alcança-se seu alto.

Porque não êste, pois, o seu caminho também? Em que somos diferentes? Não sabe você sonhar? É você incapaz de trabalhar pelo seu sonho? Não somos, nós e você, produtos da mesma juventude, não pertencemos ambos à mesma época? É verdade, não será um caminho fácil, ninguém o prometeu, para ninguém o foi. Mas êle será digno e rico, como poucos outros. E êle dará seus frutos no devido tempo, e os frutos, novos frutos.

Com êste convite, pois, encerramos o presente trabalho. Novamente nós o saudamos, você e tôda a juventude judaica brasileira.

*Bror Chail, primavera de 1956*

